

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
ÁREA DE ALEMÃO  
PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ROSA BRANCA

*Realiae* em Rosa Branca, de Inge Scholl: tradução de marcadores culturais.

*Iniciação Científica*  
*orientada por Dra. Tinka Reichmann e*  
*Dra. Juliana Perez;*  
*discente: Flora Bonatto n° USP 5167405*

17/03/2011

São Paulo

## Sumário

Introdução.....	3
1. Justificativa.....	3
2. Objetivos - Gerais/ Específicos.....	5
3. Pressupostos Teóricos.....	6
4. Estudos de caso.....	15
4.1 Divisão em categorias.....	15
4.2 Estudos de caso.....	17
5. Conclusão.....	31
6. Bibliografia.....	35
7. Anexos.....	36
7.1 Trechos traduzidos.....	37

## Introdução

O presente trabalho visa estudar estratégias de tradução para termos definidos como *Realiae* (no singular *Realia*), ou marcadores culturais, conceito discutido por Elisabeth Markstein em seu ensaio *Realia* (MARKSTEIN, 2006). É preciso ressaltar que o termo *Realia* será utilizado paralelamente ao seu correspondente no português brasileiro, que é *marcador cultural*. Essa escolha é feita por se buscar uma proximidade com o texto teórico original, e pelo fato de que esse termo está diretamente associado ao termo *realidade*, em português, o que o torna bastante elucidativo, já que termo *Realia* se define a partir do conjunto de elementos linguísticos que tratam de realidades sócio-político-culturais específicas de um povo ou comunidade.

O livro de Victor Klemperer, *LTI - A Linguagem do Terceiro Reich* (KLEMPERER, 2009), será uma segunda referência fundamental para a pesquisa e aprofundamento do contexto de *Realiae* específicos do *corpus* a ser analisado - o ensaio inicial do livro *Die Weiße Rose*, de Inge Scholl (SCHOLL, 2001), irmã de dois integrantes do grupo Rosa Branca, que foi um grupo de resistência ao nazismo; Scholl descreve neste ensaio o contexto histórico e pessoal dos envolvidos. A obra de Klemperer analisa termos e linguagem da época do Terceiro Reich, muitos deles presentes no *corpus*, oferecendo elementos para discussão de estratégias de tradução.

Assim, os conceitos, informações, contextos e estratégias apreendidos de seu trabalho e do ensaio de Markstein serão aplicados à tarefa de traduzir trechos do livro *Die Weiße Rose*, que não possui tradução para o português e apresenta um contexto histórico e cultural com aspectos e detalhes frequentemente desconhecidos do público brasileiro. Nesse sentido, a tradução deste livro contribui tanto para possíveis pesquisas na área de História, quanto para discussões e estudos na área de tradução.

### 1. Justificativa

Por se tratar de um relato histórico com muitas referências a diversos elementos específicos da realidade do Terceiro Reich, o ensaio que abre o livro *Rosa Branca* é um *corpus* bastante rico para o trabalho e discussão de problemas de tradução referentes às especificidades culturais e históricas, e também para a discussão dos limites e possibilidades de efetiva compreensão intercultural.

O livro relata as ações do grupo de estudantes universitários Rosa Branca, através de uma narrativa pessoal da irmã de dois dos integrantes, depoimentos de pessoas envolvidas, e documentos como os panfletos feitos e distribuídos por eles e o processo judicial que os condenou a morte. O grupo iniciou suas atuações em junho de 1942 em Munique e era composto pelos irmãos Hans e Sophie Scholl, Alexander Schmorell, Willi Graf, Christoph Probst, e o professor Kurt Hueber no núcleo principal. Eles eram estudantes da Universidade de Munique e realizaram atos de resistência ideológica ao regime nazista enviando panfletos por correio para intelectuais da época, distribuindo-os na Universidade e pichando seus muros com mensagens de evocação a liberdade e contra o nazismo.

A resistência ao nazismo é um tema pouco tratado no Brasil; Hans Mommsen, em seu livro *Alternative zu Hitler* (MOMMSEN, 2000), no capítulo “Der Widerstand gegen Hitler und die Deutsche Gesellschaft”, aborda - entre outras questões -, o tema da resistência a Hitler na sociedade alemã. Segundo o autor, a resistência a Hitler é um tema importante para o debate acadêmico sobre a História do nazismo. Um dos resultados deste debate foi o surgimento da teoria da existência de uma “outra Alemanha”, que não concordava com a ideologia nazista e que possuía muitos objetivos políticos diferentes entre si. Houve vertentes bastante distintas entre si: a conservadora, a socialista, a religiosa e a militar.

O autor ressalta ainda que o estudo das diferentes frentes de resistência a Hitler tem um papel marcante na historiografia contemporânea, pois é fruto de uma rejeição à atribuição de culpa coletiva pelos fatos ocorridos durante o período nazista. Segundo o autor, há também diferentes enfoques dados a análise do papel de cada uma das vertentes; segundo ele cada uma delas recebe uma análise bastante distinta das outras. Há uma tendência geral de exaltar e idealizar o heroísmo de homens e mulheres de certos movimentos e grupos de resistência, identificando-os com a força da “outra Alemanha”.

Já o papel das vertentes comunistas tende a ser tratado como um tabu, uma vez que as características totalitaristas destas linhas ideológicas são muitas vezes associadas ao nazismo e suas consequências; a vertente militar possuía facções que estavam dispostas, inclusive, a assassinar Hitler, que efetivamente sofreu atentados.

Considerando estes aspectos historiográficos apresentados pelo autor, observamos que muitos elementos importantes da realidade da Segunda Guerra Mundial ainda não são amplamente conhecidos, estudados e compreendidos fora do contexto alemão. Neste sentido, a tradução de um livro referente a um aspecto pouco difundido da História alemã - o dos movimentos de resistência a Hitler - oferece obstáculos ao trabalho de tradução, por ser um texto rico em particularidades pouco conhecidas, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento no estudo das *Realiae* ou Marcadores Culturais.

## 2. Objetivos - Gerais/ Específicos

O objetivo geral deste trabalho é a tentativa de realizar uma tradução mais adequada para um público com interesses específicos em determinado assunto – a História da Alemanha -, partindo das diferentes estratégias de tradução de *Realiae*, buscando maior proximidade com o original, visando o contato mais direto, claro e fiel possível entre os conceitos apresentados na língua de partida e o leitor da língua de chegada. Ou seja, pretendemos explorar o conceito de *Realia* visando uma compreensão e contato maiores e mais efetivos entre culturas a partir de textos traduzidos, buscando uma exatidão maior para a definição de realidades específicas de diferentes tempos e/ou culturas, mas buscando ao mesmo tempo, possibilitar ao leitor uma legibilidade pragmática do texto.

Partindo das definições de *Realiae* de Elisabeth Markstein e das informações sobre o contexto e uso da língua alemã no contexto do Terceiro Reich apresentados no livro *LTI - A linguagem do Terceiro Reich*, de Vitor Klemperer, o objetivo específico é extrair do ensaio inicial contido no livro *Die Weiße Rose*, que vai da página 11 a 75, os termos mais significativos que podem ser definidos como *Realiae* / marcadores culturais. A partir destas escolhas será realizado um estudo detalhado de cada um dos termos mediante os conceitos apresentados por estes dois autores, apresentando o trajeto, os critérios e a discussão das possibilidades consideradas para determinar as escolhas de termos para definir, na língua de chegada, conceitos específicos do contexto da língua de partida.

### 3. Pressupostos Teóricos

A fim de expor os conceitos a serem utilizados nos estudos de caso, resumiremos aqui o estudo de Elisabeth Markstein *Realia*, sobre marcadores culturais e o estudo de Vitor Klemperer LTI- Linguagem do Terceiro Reich para aprofundar o contexto cultural e histórico do *corpus*. Antes de iniciar estes resumos, para melhor situar os conceitos de Markstein, comentaremos brevemente a questão da equivalência, discutindo suas possibilidades em uma mesma língua e entre línguas.

No âmbito de uma mesma língua, para dois termos serem considerados sinônimos, eles precisam, segundo Azenha (1999:74),

(...) ser intercambiáveis em qualquer contexto. Assim as palavras “maçã” e “Pirus Malus” referem-se ambas, ao fruto da macieira, mas não podemos imaginar que possam ser intercambiáveis em *qualquer* contexto. E ainda que se tratasse da transposição do nome científico (“Pirus Malus”) de uma cultura para outra, ainda assim seria preciso avaliar se o efeito produzido pelo emprego do termo na língua e na cultura de partida coincide com o efeito produzido na língua e cultura de chegada para o tipo de texto que ele se encontra inserido. (p.74)

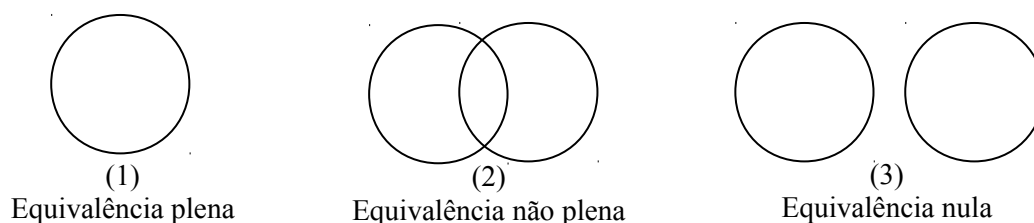
Podemos deprender deste excerto, que, se dentro de uma mesma língua as correspondências entre termos nunca serão absolutas, temos que considerar essa questão entre línguas, mas, no entanto, buscando algo além de equivalência de conceitos. Este algo além seria uma adequação da mensagem na língua de chegada em relação a mensagem da língua de partida, onde sejam preservadas as informações originais e se busque um tom e estilo semelhantes, de acordo com as possibilidades da língua de chegada.

Sobre as possibilidades de intercambiação de termos entre línguas, já que o ato tradutório não consiste simplesmente na troca de termos correspondentes de uma língua para outra, Azenha (1999:126) nos diz que,

(...) a equivalência de conteúdo não deve ser entendida como uma simples troca de termos portadores de um “mesmo” conteúdo (conteúdos intercambiáveis). Tivemos a oportunidade de observar que modificações se operam tanto no plano da denominação – na interação linguística entre indivíduos -, quanto no do conceito propriamente dito (...). Assim falar de “equivalência” em tradução, inclusive em tradução técnica, implica falar também em acomodação a um outro espaço linguístico-cultural, a um outro universo de valores. (p.126).

A noção de equivalência colocada pelo autor neste trecho considera não só o conceito, que pode ser diferente em maior ou menor grau de uma língua para outra, mas também o contexto em que este conceito está inserido. Nesse sentido a busca por equivalências se torna uma tarefa bastante complexa, passando pela compreensão de situações, conceitos e realidades totalmente novas em alguns casos; trata-se de um exercício de alteridade.

Esmiuçando o conceito de equivalência de termos entre línguas, o que ajuda a situar por meio de contrastes o conceito a ser discutido nesse trabalho, os *Realiae* ou marcadores culturais, consideremos as seguintes possibilidades:



Temos em (1) a representação de um caso de equivalência plena, que entre línguas é possível no aspecto de coincidência de conceitos, mas apresenta seu limite no âmbito das redes associativas produzidas. Por exemplo, *maçã* e *Apfel* se referem ao mesmo elemento da realidade concreta, mas possuem significados culturais diferentes no Brasil e na Alemanha.

Em (2), temos uma equivalência não plena, ou seja, que não é válida em todos os casos. O que pode ocorrer nesta situação é que, determinado termo pode ser polissêmico, apresentando mais de um sentido, assim como seu equivalente em outra língua. Nem todos os sentidos dos dois termos, no entanto, serão coincidentes na língua de partida e de chegada. Um risco neste tipo de ocorrência é na transposição de uma língua para outra algum sentido, duplo sentido ou alusão se perca, ou haja uma interpretação errônea, em função das associações possíveis da língua de chegada. Por exemplo, *ausmerzen/ Ausmerzung* e *eliminar/eliminação*. Esse termo em alemão apesar de possuir o sentido equivalente ao termo em português, ao ser utilizado no contexto do regime nazista ganhou o sentido relacionado as mortes em massa de judeus e outras minorias durante regime nazista. Nesse aspecto os sentidos não correspondem em todos as acepções e conotações.

Em (3), observamos termos que não possuem equivalência entre línguas nem na realidade concreta, nem abstrata, nem na rede associativa de uma língua ou cultura para outra. Estes termos são os *Realiae*, ou marcadores culturais. Vejamos a seguir uma definição mais precisa deste conceito e seus exemplos, que nortearão este trabalho.

Partiremos da definição de Elisabeth Markstein para este tipo de termo, *Realiae* (pl.; sing.: *Realia*), que são os chamados marcadores culturais. Segundo Elisabeth Markstein, em seu artigo *Realia*, eles podem ser definidos como elementos da História, da cultura, da política de um determinado povo, país ou lugar que não possui equivalência em outros povos, países ou lugares.

São elementos que expressam uma identidade nacional/étnica de uma cultura em sentido amplo, de uma cultura enquanto nação. Para que o leitor da língua de chegada compreenda no texto as referências a um determinado marcador cultural são necessárias transformações maiores ou menores e, em geral, uma explicação sobre o contexto.

Os elementos conhecidos e convencionados nacionalmente estão relacionados aos marcadores culturais. Esses elementos não devem ser confundidos com termos técnicos. Segundo a autora, estes se referem a uma determinada ciência ou realidade, possuem definições exatas e equivalentes na maioria das ciências internacionais, diz a autora. Lembremos, no entanto, que na área jurídica esta afirmação pode ser contestada, dadas as diferenças consideráveis entre os sistemas jurídicos dos diversos países. Não é fácil traçar os limites entre dialetismos, “barbarismos” e expressões locais e sociais de uma língua. A autora recomenda atenção para não confundir termos variantes de uma língua com marcadores culturais; um exemplo dado por ela são os pratos típicos de um local.

Segundo Markstein, os estrangeirismos não são suficientes para a definição do conceito de marcadores culturais se os compreendermos além dos fenômenos naturais, associando-os a criações e pensamentos das pessoas. Isso dificulta a delimitação de marcadores culturais, porque esta é frequentemente relativa, já que nem sempre é possível classificar a vida, diz a autora.



A que se referem então exatamente os marcadores culturais? Eles não definem apenas objetos concretos de uma cultura, mas também abreviações, títulos e feriados. Também estão incluídas ligações de palavras, cumprimentos e, em determinados contextos, interjeições e gestos. No entanto, segundo Markstein, os provérbios e as expressões/locuções idiomáticas não são marcadores culturais. Sendo o tema a transposição de um texto de uma determinada língua de partida com o objetivo de possibilitar que um colorido local seja preservado tanto quanto possível, o caminho apontado pela autora para isso não é o da teoria, e sim o de explicitar o contexto e a intenção do autor da língua de partida.

Um exemplo bastante elucidativo de Markstein para a definição de *Realiae* ou marcadores culturais é o samovar. A autora coloca o problema da conotação do objeto em seu contexto como algo sem similar e que tem papel importante na formação do contexto onde se insere, mesmo que subordinado a ele. Neste caso, trata-se de algo que é mais do que um aparelho de fazer de chá; a palavra está associada ao aconchego, assim como a taverna é mais do que um estabelecimento de vinhos: é um elemento de representação da urbanidade vienense. As respectivas conotações serão apresentadas por meio do contexto.

A autora também sugere estratégias de tradução, para quando não for possível encontrar um termo preciso e significativo na língua de chegada; por exemplo, nomes de pessoa, classificações geográficas, datas do ano, nomes de meses, todos eles podem receber uma transcrição adaptada: Donau -> Danúbio.

No artigo *Realia* de Markstein há exemplos da língua alemã e de outros países da Europa. No caso do Brasil, alguns exemplos de *Realiae* seriam nomes de lugares, rios etc, muitos em línguas indígenas, como Tietê, Pacaembu, Ipanema; comidas típicas como feijoada, tapioca; animais e insetos típicos, vegetação local.

Elisabeth Markstein também fala sobre os critérios para a escolha de estratégias de tradução de *Realiae*; para a autora, a escolha da estratégia depende do contexto da valência do marcador cultural em um texto. É preciso determinar, por exemplo, se o termo se apresenta como característica essencial para a atmosfera criada no texto ou se é um pequeno detalhe secundário.

No caso de um marcador cultural proveniente de um grupo específico - que deve ser conservado na tradução -, é importante incluí-lo em um glossário no final. É necessário considerar o público-alvo da tradução, e o conhecimento que pode ter de determinado marcador cultural. As soluções de tradução apresentadas no artigo de Markstein foram extraídas de KOLLER 1979:162 e VLACHOV/ FLORIM 1980:87.

1.1 Quando o termo a ser traduzido é invariavelmente recebido como citação na língua de chegada: em línguas onde não se emprega a escrita latina, é feita a transcrição para o público em geral e transliteração para o público científico. Com relação a essas regras, temos o seguinte, de acordo com o dicionário ortográfico Duden, ou seja, para no caso, do russo para o alemão: transcrito -> Samowar; transliterado-> Samovar. Na maior parte dos casos há acomodações fonéticas, morfológicas e grafológicas. No caso de abreviações, quando o alemão é a língua de chegada, algumas são aceitas, como USA, PC, PLO, GULAG. Em outros casos, as siglas devem ser decodificadas e ser feita uma nova abreviação para a língua de chegada. É importante observar que o excesso de palavras desconhecidas pode sobrecarregar o texto.

1.2 A tradução estrangeira: dois modelos para isso seriam: Wolkenkratzer -> Skyscraper e Samowar -> Selbstkocher. Neste caso, o público geral não compreende o que se pretende dizer; mas, no caso de “Drittes Reich” existem traduções já estabelecidas em outras línguas. Ex.: The Third Reich.

1.3 Construção de analogias: consiste no emprego de palavras de significado análogo ou similar na língua de chegada, de acordo com a sua função. Exemplos: Home Office-> Innenministerium; Ministère public; Parque (fr.), Fiscalía (esp.) -> Staatsanwaltschaft.

1.4 A tradução comentada: trata-se da verbalização do significado contido em determinada palavra da língua de partida, através da inserção de um comentário no texto da língua de chegada que possa explicitar o sentido ou conotação do termo em seu contexto de origem. Um exemplo simples deste caso seria o de Levý (1969:98) no romance *O vermelho e o negro*, onde Stendhal define politicamente alguns personagens por meio da leitura de um jornal (não se traduz títulos de jornal). O título do jornal é *Constitutionnel vs. Quotidienne*, o que diz pouco para um leitor de língua

alemã. Por isso Levý propõe o seguinte complemento: “X se refere ao *Constitutionnel* (liberal)... Y se refere a *Quotidienne* (real/realiza).

A escolha da estratégia é determinada não só pelo tipo de texto, mas também pelo público-alvo, além da distância ou proximidade entre as culturas da língua de partida e da língua de chegada: se traduzimos do japonês para o alemão ou do inglês para o alemão, por exemplo. Ao discutir estratégias de tradução de *Realiae* ou marcadores culturais é indispensável um conhecimento aprofundado do contexto de uso; para tal utilizamos o estudo *LTI - A linguagem do Terceiro Reich*, de Vitor Klemperer, que contribui para a discussão de *Realiae* e estratégias de tradução no *corpus* específico ao esmiuçar os usos de termos utilizados na linguagem da época onde o livro *Die Weiße Rose* se insere. O livro faz um estudo da linguagem do Terceiro Reich, incluindo a descrição de situações onde os termos surgiam ou eram resignificados, suas funções ideológicas e suas trajetórias de uso.

O autor inicia seu prefácio apresentando termos que se referiam a realidades práticas da Segunda Guerra Mundial, no contexto do Terceiro Reich na Alemanha. Klemperer apresenta alguns termos do dia a dia, como *entdunkeln*, por exemplo, que se referia ao ato de desescurecer as janelas durante do dia, depois de tê-las escurecido durante a noite como proteção para o caso de um ataque aéreo.

Segundo este autor, “certos termos tiveram presença marcante durante o regime nazista e parecia que nunca seriam extirpados, mas acabaram sumindo como se por encanto. Desapareciam junto com a situação que os tinha feito surgir.” (KLEMPERER, 2009: 38).

Em outra categoria de termos estariam aqueles de que o próprio regime se apropriou resignificando-os para servir à sua ideologia. Um dos casos de resignificação mais marcantes, segundo Klemperer, é o processo ocorrido com o termo “heroísmo”. A geração que se alfabetizou por volta de 1933 conheceu este termo segundo uma ótica militarizada. O heroísmo começava na educação, com o aperfeiçoamento do corpo do indivíduo, que tinha como modelos militares e esportistas. Conforme a guerra avançava, o símbolo do piloto de carros foi substituído pelo motorista de tanques e pelo soldado da artilharia.

Conceitualmente, o “herói” estava relacionado ao “combativo” (*kämpferisch*), ou seja, ao agressivo, beligerante. Klemperer deixa clara a distância do termo original apresentando-o em contraposição ao conceito utilizado pelo Terceiro Reich: “Em sua origem, o *heros* [herói] é uma pessoa que realiza atos que estimulam o melhor da humanidade. Uma guerra de conquista, como a guerra de Hitler, conduzida de maneira tão atroz, nada tem a ver com heroísmo. (KLEMPERER, 2009:43).”

Além disso, Klemperer questiona o papel que a publicidade exerce neste heroísmo: “O heroísmo é muito mais puro e significativo quanto mais discreto for, quanto menos público cultivar, quanto menores rendimentos trazer para o próprio herói (...). O que critico no conceito nazista de heroísmo é que ele depende do aspecto promocional.” Ao discorrer sobre o que seria o verdadeiro heroísmo, o autor faz uma homenagem à sua esposa e a outras mulheres nas mesmas condições: mesmo sendo “arianas”, não abandonaram seus maridos judeus e resistiram a violências cotidianas e sistemáticas tentando protegê-los.

Em relação a vários aspectos do conceito de heroísmo no Terceiro Reich, ele relata como este termo era utilizado para tentar encobrir situações: no caso de batalhas que resultaram em muitas baixas no *front*, os boletins publicavam algo como “nossas tropas lutam de maneira heróica”, o que acabava soando “como um necrológio” (KLEMPERER, 2009:46), mas que demonstra claramente a intenção de não admitir uma derrota.

No capítulo 1- LTI, o autor fala sobre a utilização de palavras estrangeiras; as palavras de origem latina substituíam outras similares em sentido, mas se valendo de uma aura de erudição e imponência, uma vez que muitas pessoas não as compreendiam. No entanto, poucas palavras foram efetivamente cunhadas; a linguagem nazista utilizou muitos empréstimos do estrangeiro, além de termos do alemão pré-hitlerista. No entanto o sentido e a frequência da utilização das palavras foram modificados significativamente.

Ainda neste capítulo o autor fala sobre o papel da repetição de frases e palavras nos meios de comunicação, que, depois de algum tempo, passavam a ser aceitos inconsciente e mecanicamente. Quanto mais inconsciente for o uso da linguagem, segundo ele, mais ela revela os reais pensamentos, intenções e fatos. Ele cita a frase de

Schiller sobre a língua alemã: “von der gebildeten Sprache, die für dich dichtet und denkt” [a língua culta, que poetiza e pensa por ti] (KLEMPERER, 2009:55) e discorre:

A língua não se contenta em poetizar e pensar por mim. Também conduz meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais eu me entregar a ela inconscientemente. O que acontece se a língua culta for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e parecem inofensivas; passado um tempo, o efeito se faz notar. (p.55)

O capítulo 2 - Prelúdio, descreve o primeiro contato significativo do autor com uma imagem marcante da época, que, a seu ver, foi seu “primeiro embate com a linguagem do Terceiro Reich.”(p.59). Trata-se de um desfile militar, onde “a apresentação não era um mero exercício, mas uma dança arcaica e uma marcha militar (...). A tropa dava a estranha impressão de ausência de vida combinada com extremo frenesi.” (KLEMPERER, 2009: 58)

No capítulo 3, Característica Principal: pobreza, o autor trata da maneira pela qual a linguagem do Terceiro Reich se formou e se disseminou. *Mein Kampf*, o único livro escrito por Hitler, e lançado em 1925, instituiu a linguagem de um grupo que mais tarde se firmou no poder; posteriormente a LTI (Linguagem do Terceiro Reich) foi influenciada pela linguagem militar, mas se apropriou dela em um segundo momento. Havia uma enorme quantidade de material impresso, folhetos, jornais, revistas e livros escolares circulando na época que utilizavam e disseminavam esta linguagem.

A monotonia era uma característica marcante na LTI, segundo as observações de Klemperer, tanto na linguagem escrita quanto na falada, entre pessoas cultas ou não o tom do discurso e da voz era o mesmo. A declamação era algo que influenciava a estrutura e o tom dos textos em geral, que procuravam incitar o povo. O autor atribui a pobreza da LTI não só à imposição de um único padrão de linguagem, mas também ao fato de que só se podia expor um lado da natureza humana, o que limitava significativamente o uso das possibilidades inerentes a qualquer língua. O domínio do coletivo sobre a individualidade também contribuiu para esta limitação. Gobbels liberava para a leitura no rádio nas sextas-feiras à noite o artigo de sua autoria que seria publicado no dia seguinte no jornal *Das Reich*; em última instância, era ele quem

regulamentava a linguagem a ser utilizada.

Capítulo 4- *Partenau*. *Partenau* foi um romance de 1929 escrito por Max René Hesse, que pretende descrever o exército e tem como trama principal uma paixão homossexual não correspondida que termina em suicídio. O autor confronta as figuras idealizadas do exército no romance com as pessoas que encontra na realidade: uma conhecida de seu círculo tinha um sobrinho que entrou no exército sem grandes convicções ideológicas, mas por tradição familiar; não era ruim nem bom a princípio, mas o prestígio e as regalias logo o corromperam e comprometeram sua sensibilidade humana.

Capítulo 5 - Fragmentos do diário do primeiro ano. Neste capítulo temos a narrativa de diversos acontecimentos da vida do autor, onde ele aos poucos sistematiza termos da LTI, à medida que descreve eventos cotidianos e históricos presenciados por ele.

Considerando estas discussões, informações e aprofundamentos do contexto, visamos coletar dados ao longo de toda a leitura do livro para a melhor delimitação de conotações e contextos dos termos a serem trabalhados, além de utilizar para consulta um glossário dos termos apresentados por Klemperer feito em conjunto ao longo do projeto de tradução em grupo do livro *Die Weiße Rose*.

#### 4. Estudos de caso

Os estudos de caso serão feitos a partir da discussão de estratégias de tradução para vocábulos que se encaixam no conceito de *Realiae* no ensaio contido no livro *Die Weiße Rose*, que vai da página 11 a 75, onde há a contextualização da época e dos fatos e pessoas a serem tratados no livro, onde os *Realiae* ou marcadores culturais são da maior importância para se compreender o contexto em que o livro foi produzido e as informações contidas no mesmo.

Os vocábulos/ *Realiae* retirados deste trecho serão apresentados em seu contexto, juntamente com as estratégias de tradução utilizadas, de maneira sistematizada, expondo todo o processo de tradução deste tipo de termo, o que consiste no principal objetivo deste trabalho. Outros resultados se configuram em: apresentação do trabalho no SIICUSP (2010), além da possibilidade de publicar conjuntamente a tradução do livro *Die Weiße Rose*, uma vez que outros colegas analisam neste momento (2010) o mesmo *corpus* sob diferentes aspectos, mas trabalhamos conjuntamente nos processos de tradução.

#### 4.1. Divisão em categorias

Os estudos de caso foram separados em três categorias: *Realiae* simples, ideológicos e históricos, em função do *corpus* em questão consistir em um texto de descrição de um período histórico. Baseando esta escolha, está a reflexão acerca da questão colocada por Azenha (1999:10) a respeito da estabilidade dos sentidos das palavras, que é um aspecto a ser observado ao se considerar a trajetória de termos em determinada cultura e/ou em momentos específicos de sua História: “ (...) admitia-se para a tradução técnica algo que de resto era veementemente condenado para a tradução como um todo: a noção de sentidos estáveis ( p.10)”

Considerando o objetivo de estudarmos os termos individualmente e de maneira detalhada, julgamos necessário considerar as diferentes estabilidades de sentido dos termos trabalhados. Apesar de não haver uma estabilidade absoluta no que se chama de língua viva, ao considerarmos este fator, podemos observar diferentes especificidades dos termos trabalhados.

Por exemplo, a pesquisa necessária para cada um; termos mais estáveis podem ser relativamente mais fáceis de ser encontrados em enciclopédias e em estudos sobre léxicos específicos, enquanto termos menos estáveis, relativos a determinados períodos, exigem maiores investigações, pesquisas e discussões a respeito de seus contextos e significados. O estudo de Klemperer neste sentido se mostra como uma ferramenta bastante produtiva, em função de realizar um estudo específico e significativo da realidade política, histórica e linguística onde o *corpus* se insere.

Pensando nestes aspectos, a estabilidade do sentido é um aspecto do termo que auxilia na busca por uma precisão maior no uso das estratégias de tradução aplicadas, uma vez que este aspecto permite compreender a repercussão dos termos em seus contextos, suas trajetórias e possíveis propagações no tempo. Assim estabelecemos que:

- *Realiae* simples são os que estão relacionados à cultura da língua de partida de maneira geral, possuem um sentido mais estável no tempo e serão considerados *Realiae* do ponto de vista da cultura de chegada.

- *Realiae* históricos estão relacionados a um determinado período histórico e são, portanto, menos estáveis no tempo do que *Realiae* simples. Podem ser considerados *Realiae* não só do ponto de vista da cultura de chegada como também na própria cultura de origem em uma perspectiva diacrônica da língua.

- *Realiae* ideológicos estão essencialmente ligados a questão de conotação e transmissão de carga ideológica; poderiam ser pensados como uma subcategoria dos *Realiae* históricos, uma vez que tem um sentido menos estável no tempo e dependem fortemente do seu contexto histórico e social. Aqui se opta por estabelecer uma categoria à parte buscando explorar as conotações mais detidamente, como um aspecto a ser considerado não só nas opções de tradução mas como um fator que interfere no texto como um todo. Além disso, os *Realiae* ideológicos, seriam os termos mais ligados a conceitos e aspectos abstratos, enquanto os *Realiae* históricos estariam ligados a elementos concretos e/ou instituições.

#### 4.2. Estudos de caso:

##### *Realiae* simples

##### a) Termo: Vorortzug



Página: 11

Linha: 1, 2.

Contexto:

„ In den frühlinghaften Februartagen nach der Schlacht bei Stalingrad fuhr ich in einem Vorortzug von München nach Solln.“

(Em um dia primaveril de fevereiro, após a batalha de Stalingrado, eu viajei de trem de Munique para Solln.)

Opções: Trem, trem intermunicipal, trem local.

Escolha: Trem.

Discussão: O marcador cultural configura-se na especificação do tipo do trem, o que não é comum no Brasil. A escolha da estratégia de tradução, portanto, foi por analogia. Na Alemanha, o complexo de ferrovias é bastante amplo, e há diferentes tipos de trens, locais/municipais, intermunicipais, interestaduais, internacionais etc, o que não ocorre no Brasil, onde as rodovias são privilegiadas. A especificação do tipo do trem não é decisiva, pois não influi na atmosfera da cena descrita; basta saber que é uma viagem de trem; como o local de partida e de chegada são mencionados, é fácil verificar que se trata de uma viagem curta e, por conseguinte, não há grande perda de informação. A opção pelo termo trem busca uma maior simplicidade e evita associações equivocadas com o cenário de transporte metropolitano de trens no Brasil. A respeito de possíveis equívocos a ser considerados neste exemplo sobre a tradução de aspectos das ferrovias, diz Azenha (1999:67):

Assim, pode acontecer de o tradutor obter (...) um efeito totalmente diverso do exercido sobre os receptores do texto de partida, pois na passagem da cultura alemã para a brasileira o texto técnico sobre transportes ferroviários pode ganhar, por exemplo, uma dimensão de sentido que evoca a nostalgia de tempos passados, quando a ferrovia era um importante meio de transporte no Brasil.  
(p.67)

b) Schwäbisch Hall

Página: 45

Linha: 26

Contexto: Ab und zu erhielt Mutter Besuch von ihren früheren Freundinnen, den Diakonissenschwestern aus Schwäbisch Hall.

(De vez em quando a mãe recebia visitas de suas antigas amigas, as irmãs diaconisas de Schwäbisch Hall)

Escolha: Não há tradução oficial neste caso, portanto mantemos o termo por ser um nome de cidade.

Discussão: Trata-se do nome de uma cidade; nomes de lugares são considerados *Realiae*, de acordo com Markstein. Se houver uma tradução oficial esta deve ser utilizada, mas se não houver uma opção neste sentido, deve-se manter o nome, em função de se manter as referências originais do texto, e deixar claro que se trata de um texto estrangeiro e de uma realidade geográfica específica. No caso do corpus utilizado, sendo um texto histórico, é imprescindível buscar precisão e fidelidade, zelando pela qualidade e veracidade da informação veiculada pelo texto traduzido.

*Realiae* históricos

a) Gaufilmstelle

Página: 24

Linha: 34

Contexto: Im Immakulatakloster in Wikinghege richtet sich, wie ich höre, die Gaufilmstelle ein.

(No convento da Imaculada em Wikinghege se instala, como eu ouvi, o Departamento de Cinema e Propaganda do Partido.)

Opções: Ministério de Cinema e Propaganda; Departamento de Cinema e Propaganda

Escolha: Departamento de Cinema e Propaganda.

Discussão: Este termo não se encontra no estudo de Klemperer. Sendo assim, consultamos o dicionário *Vokabular des Nazionalsozialismus*, (SCHMITZ- BERNING, 2000) onde foi encontrada a palavra *Gau*, que faz parte do termo em questão. Esta palavra se referia a “maior unidade territorial ou organizacional do NSDAP depois do Reich” (p.249). Aqui temos, portanto, o uso de um mesmo termo para designar dois tipos de divisão: a de territórios e a de órgãos político-administrativos. Primeiramente, em português, não há a possibilidade de usar uma mesma palavra para designar divisões nestas duas áreas; em segundo lugar as divisões tanto físicas quanto políticas da época possuíram particularidades sem similares na História do Brasil, não possuindo correspondências; sendo assim foi excluída a possibilidade de se fazer uma analogia direta; não foi encontrada uma tradução consagrada em português.

Assim, como primeira decisão, opta-se por traduzir as palavras eventualmente encontradas com *Gau* em sua estrutura de acordo com a função exercida, procurando esclarecer o conceito que designam, discernindo o mais claramente possível órgãos político-administrativos de divisões geográficas para evitar eventuais problemas de compreensão que poderiam surgir para o leitor brasileiro, uma vez que de fato não se encontra palavra que poderia exercer a mesma função dupla em português.

Considerando esta escolha, ao passar às estratégias de Markstein, uma possibilidade seria uma tradução que se aproximaria da tradução

comentada. Ministério de Cinema e Propaganda; Departamento de Cinema e Propaganda seriam duas opções neste sentido. A escolha por departamento se configura como mais adequada para representar esse tipo de instituição, uma vez que, não havendo um conceito similar na língua de chegada, sendo este termo mais neutro e abrangente, há menos chances de se incorrer em erro ou gerar associações equivocadas.

É importante comentar, no entanto, que esta opção de tradução, onde não se busca construir um similar que exerça a função de *Gau* em português trás a questão de não se buscar respeitar, neste caso, uma construção típica da época, onde há uma repetição grande de certos termos, o que exercia uma função clara e determinada como nos descreve Klemperer (2009:61,62):

A pobreza da LTI é gritante. Ela é pobre por princípio, como se cumprisse um voto de pobreza. *Mein Kampf*, a bíblia do nacional socialismo, começou a circular em 1925. A partir deste ano as principais características da linguagem nazista foram fixadas literalmente. Em 1933, com a *Machtübernahme* [tomado do poder] pelo partido, a linguagem deste grupelho se transformou em linguagem popular (...) se apoderou de todos os setores da vida pública e privada: da política, da justiça, da economia, da arte, das ciências, da escola, dos esportes, da família, dos jardins de infância, e até mesmo do quarto das crianças (...) se apoderou também da linguagem do Exército. (...) Por isso faço questão de explicar como a LTI se alastrou. O *Reich* circulou até quase o último dia da guerra, já em 1945, e nessa época ainda se publicava enorme quantidade de textos nazistas. (...) Não obstante a longa existência e grande divulgação, a LTI permaneceu pobre e monótona. O termo “monótono” deve ser considerado literalmente. Ouvia as conversas dos varredores de rua ou de operários na fábrica, junto às máquinas; era sempre o mesmo chavão e o mesmo tom de voz, na linguagem escrita ou falada, entre pessoas cultas ou incultas. A LTI imperava por toda a parte tão poderosa quanto pobre de espírito.

Como nos coloca este autor, a linguagem do Terceiro Reich, era pobre, e esta pobreza consistia, em entre outras características, como se pode observar em textos da época, no uso de repetições; o uso de um mesmo

termo nas composições de palavras de diferentes campos semânticos, neste caso na área político- administrativa e geográfica, analogamente ao caso das repetições da palavra Volk nas composições, é um exemplo disso. Trata-se de um contexto onde se buscava uma uniformidade política que se refletia no uso da língua. Ao optarmos por não recriar esta estrutura perde-se esta uniformidade característica da linguagem da época.

Em contraposição a este problema, deve-se lembrar, como já foi colocado, não há uma estrutura análoga em português que pudesse servir em dois contextos diferentes como estes; além disso, se tratando de um texto histórico, que visa um público que busca informações a respeito de um assunto específico, a necessidade de esclarecer os significados e funções exatos dos conceitos pode ser tomada como prioridade em relação a buscar uma construção mais próxima do original no âmbito da estrutura linguística, ainda mais se tratando de um tipo de estrutura (junção de palavras para a formação de um novo termo) típica do alemão.

b) KZ

Página 55, 57, 58, 72,72.

Linha 34,31, 19, 3,6.

Contexto: “ Wir müssen leben, um nachher da zu sein, weil man uns braucht. Gafängnis und KZ – meinetwegen.” (p.58, L. 19)

(Nós precisamos viver para estar lá, porque precisam de nós. Prisão ou campo de concentração – por mim tanto faz.)

Escolha: Campo de Concentração

Discussão: este termo não se encontra no estudo de Klemperer. No estudo de Markstein, no que se refere às siglas e abreviações, as

sugestões de Markstein apontam para o caso de o alemão ser a língua de chegada (no presente estudo ela é a língua de partida; na língua de chegada em questão alguns destes casos não se aplicam necessariamente), onde algumas abreviações são aceitas, como USA, PC, PLO, GULAG. Ela sugere a seguinte estratégia: que siglas sejam decodificadas e feita uma nova abreviação para a língua de chegada. A autora adverte, no entanto, que o excesso de palavras desconhecidas pode sobrecarregar o texto. Neste caso, a sigla KZ significa *Konzentrationslager*. A tradução já consagrada para este termo no português brasileiro é *campo de concentração*. Como não há qualquer uso de siglas para este termo em português, e esta tradução já traz para a língua de chegada o peso de seu significado, optamos por utilizar este termo, sem tentar introduzir uma sigla nova, que poderia mais confundir do que oferecer referenciais ao leitor, e conforme a advertência da autora, sobrecarregar o texto.

c) Völkischer Beobachter

Página: 36

Linha: 6

Contexto: Das gehört in den Völkischen Beobachter, rief Alex entzückt über den Doppelsinn der Verse.

(Isso é do Völkischer Beobachter, gritou Alex entusiasmado com o duplo sentido dos versos.)

Opções: tradução comentada ou nota

Escolha : Nota, em função de se tratar de um livro de valor histórico que provavelmente atrairá um público preocupado em se aprofundar no tema História da Alemanha, que pode ter um perfil acadêmico ou

simplesmente ser mais exigente em termos de qualidade e quantidade de informações.

Discussão: O estudo de Klemperer menciona o termo apenas explicitando se tratar do Jornal do Partido Nazista. Segundo Markstein, em seu exemplo a respeito de tradução de títulos de jornal, se refere ao caso de *Constitutionnel vs. Quotidienne*, no contexto do livro *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal. Segundo ela, títulos de jornais não se traduzem.

Sendo assim, manteremos o nome original, mas ainda há um aspecto a ser discutido: o contexto não deixa claro que se trata de um jornal, e isto poderia deixar o leitor do texto traduzido confuso quanto ao tipo de fonte a qual o texto se referiria, enquanto para um leitor do texto original esta informação já estaria colocada, pelo conhecimento prévio do leitor alemão em relação especificidades da História de seu país. Sendo assim, há a opção de adicionarmos um comentário: antes do título, pode-se colocar “o jornal”. Essa seria, no entanto, uma opção para um público mais geral, e de certa forma compromete a naturalidade da fala de Alex, uma vez que em português não nos referimos assim aos veículos de mídia, mas sim, apenas pelo nome, tal como ele o faz. Pensando nisso, e no tipo de público que pode vir a buscar este livro, que provavelmente busca informações de cunho histórico, seria uma possibilidade colocar uma nota explicativa, onde poderiam ser incluídas outras informações históricas a respeito deste jornal, por exemplo:

1 Völkischer Beobachter: Jornal publicado pelo partido Nazista; suas primeiras edições aparecerem em dezembro de 1920, quando era editado duas vezes por semana, até se tornar diário a partir de oito de fevereiro de 1923. Sua última edição data de 30 de abril de 1945, pouco antes da capitulação alemã na Segunda Guerra Mundial.

d) Volksgerichtshof

Página 11, 50, 55,61, et passim

Linha 29, 11, 1,16, respectivamente às páginas citadas.

Contexto: „Der Präsident des Volkgerichtshofes war im Flugzeug eigens von Berlin gekommen, um kurzen Prozeß zu machen.“ (p.11, L 29)

(O presidente do Tribunal do Povo (*Volkgerichtshof*) veio de avião de Berlim especialmente para julgar um processo rápido.)

Opções: Tribunal do Povo, Tribunal Popular

Escolha: Tribunal do Povo

Discussão: Este termo não se encontra no estudo de Klemperer; refletindo sobre as estratégias de Markstein, consideramos a inserção de notas, por se tratar de uma tradução bastante literal, mas pouco elucidativa a respeito do que de fato consistia este tribunal, que nada tinha de democrático e popular. A opção “tribunal popular” poderia evocar o júri popular, o que não é adequado neste caso. Assim, opta-se por Tribunal do Povo, mas para evitar interpretações equivocadas com a rede associativa que “do povo” poderia suscitar no leitor brasileiro, esta poderia se reportar a apresentação comentando a respeito do uso da palavra *Volk* e sua grande produtividade no período do terceiro *Reich*, a partir do estudo de Klemperer; ao se colocar o termo em alemão entre parêntesis ou em nota, o leitor já saberia que tipo de termo estaria em questão, por conter a palavra *Volk*. Este mecanismo poderia evitar associações errôneas em diversos casos, oferecendo uma referência para o leitor ao ler as possíveis notas de termos semelhantes a este. Além disso, a nota poderia conter informações sobre o funcionamento deste tribunal e sobre sua criação. Por exemplo:

<sup>1</sup>Tribunal do Povo: [*Volkgerichtshof*] O Tribunal do Povo foi criado em 24/04/1934 pela “ Lei de Mudança de Regulamento de Direito e Processo Criminal”, que conduziu a um patamar de maior gravidade as penas para crimes de alta traição e de traição a pátria. Os juízes deste tribunal eram nomeados pelo chanceler do *Reich*, Adolf Hitler, a partir da sugestão de nomes feita pelo ministro da justiça. *Fonte: Vokabular des Nationalsozialismus. Schmitz- Berning, 2000, p. 665.*

*Realiae* ideológicos



e) Volk

Página: termo frequente, reelevanto para a época tratada de maneira geral.

Linha: *passim*

Discussão: A palavra Volk no contexto da segunda guerra mundial é muito produtiva na língua alemã. Evidentemente este termo possui equivalências em português, mas a carga ideológica que adquire neste contexto é um elemento a se considerar na tradução.

Para refletir sobre a carga ideológica desta palavra no contexto mencionado, e ao pensar em possíveis traduções de termos onde ela se faz presente na estrutura, deve-se explicitar o conceito representado por ela neste mesmo contexto.

Neste contexto histórico o termo era associado à *raça* e ao sangue ariano. A primeira vista o termo sugeriria coletividade, comunidade e sociedade, mas é fundamental ressaltar quem, neste contexto, estava incluído nesta referida sociedade, uma vez que se excluía e perseguia minorias étnicas e culturais como judeus, ciganos, eslavos, homossexuais entre outros, ou qualquer um que não compartilhasse dos ideais do nacional socialismo.

“A palavra Volk [povo] vem sendo empregada nos discursos e nos textos com a mesma naturalidade com que se põe sal na comida. Tudo tem que ter uma pitada de ‘povo’(...)” (KLEMPERER, 2009:75). Pensando neste comentário de Klemperer sobre este termo, deve-se considerar a atmosfera que ele evocaria na época, com seu uso intenso e repetido, e a quais associações ela induzia, uma vez que o uso constante de certas palavras certamente reforçavam a afirmação de determinados valores.

Uma estratégia produtiva para o tradutor seria estabelecer uma rede associativa desta palavra em alemão - que se refira a este contexto especificamente - e uma rede associativa desta palavra em português para se estudar o caminho a ser tomado no sentido de buscar as associações desejadas. Em português há o risco de, dependendo das escolhas feitas, o

leitor fazer uma associação com aspectos do socialismo. Por exemplo, ao se considerar o termo *Volkgenosse*, que discutiremos a diante, que apresenta entre as opções de tradução, camarada do povo ou compatriota.

No que se refere ao tipo de edição em que poderia se inserir a tradução do *corpus*, uma vez que poderia haver alguns termos em alemão, eventualmente citados em notas, talvez se fizesse necessário um trecho na introdução que se referisse a questão da produtividade desta palavra na época assim como as conotações que apresentava, dialogando com o estudo de Klemperer, uma vez que este norteou a tradução em muitos aspectos, enquanto documento histórico de referência e apoio ao *corpus* em questão.

Um aspecto importante de retomar neste ponto é o da tentativa de reproduzir no português um pouco do que seria a linguagem da época, conforme foi discutido no estudo do caso de *Gaufilmstelle*.

Considerando a impossibilidade de se reproduzir os diferentes significados de *Gau* em português em uma mesma palavra, no caso de *Volk* esta dificuldade não se apresenta, à medida que possuímos vocábulos similares em português para reproduzir este significado. Seria importante, no entanto, considerar neste caso a tentativa de manter a uniformidade da linguagem. Ou seja, ao realizar as redes associativas e ao se determinar um termo mais adequado, por exemplo, “do povo/povo”, dependendo do contexto, haveria um tom de uniformidade mais próximo do original, ao se utilizar a mesma opção de tradução quando esta palavra surgir. O efeito de repetição que há no original se perderia com escolhas diferentes de tradução, em alguns casos “do povo” e em outros “popular”, por exemplo.

f) Volksgemeinschaft

Página: 11,13

Linha: 25,22, respectivamente.

Contexto:

„Die Presse schrieb von verantwortungslosen Einzelgängern, die sich durch ihr Tun automatisch aus der Volksgemeinschaft ausgeschlossen hätten.“

(A imprensa escreveu sobre individualistas irresponsáveis que, por meio de seus atos, haviam se excluído automaticamente da comunidade do povo.)

„Zum erstenmal trat die Politik in unser leben. Hans war damals 15 Jahre Alt, Sophie 12. Wir hörten viel vom Vaterland reden, von Kamaradsschaft, Volksgemeinschaft und Heimtliche.“

(A política entrava pela primeira vez em nossa vida. Hans tinha então quinze anos e Sophie, doze. Nós ouvíamos falar muito sobre camaradagem, comunidade do povo e amor à pátria.)

Opções: coletividade, comunidade do povo

Escolha: Comunidade do povo.

Discussão: Segundo o dicionário de termos *Vokabular des Nationalsozialismus* (Schmitz-Berning, 2000:656), o termo *Volksgemeinschaft* era associado ao uso da linguagem nazista, designando uma pretensa unidade do povo em torno de uma “sociedade de sangue” [Blutsgemeinschaft], conceito ligado as ideologia do partido nazista que pregava uma superioridade da raça ariana, unificada em torno dos mesmos ideais do nacional socialismo.

Gobbels: „Was ist nationalsozialistische Volksgemeinschaft? Nationalsozialistische Volksgemeinschaft ist die erzielte Verständigung der Volkgenossen untereinander, mithin der Ertrag sozialistischen Denkens.“ (SCHMITZ- BERNING, 2000:656)

Este termo, *Volksgemeinschaft*, designa um conceito difundido pelo governo nazista, que evocava a coletividade social e ideológica, buscando uma unidade em consonância com seus propósitos; trata-se de

um conceito que aponta para o corpo social que se buscava construir e legitimar.

Nesse caso, simplesmente traduzir este termo por coletividade soa vago, enquanto comunidade do povo, mesmo sendo a tradução consagrada, apresenta um problema que ocorre no primeiro exemplo, mas não no segundo: no primeiro exemplo pode-se incorrer no erro de associar “Comunidade do Povo” a uma instituição concreta, e não a uma definição de coletividade. A segunda ocorrência do termo, associada a outros dois conceitos abstratos, pode evitar essa associação errônea, mas não é muito elucidativa no que diz respeito a uma definição efetiva.

Klemperer cita este termo, sem defini-lo especificamente, trazendo informações que se referem a obrigações tributárias relacionadas à *Volksgemeinschaft* e a produtividade do termo *Volk* na linguagem da época (nas páginas 82 e 75, respectivamente); sendo assim, seguimos com as estratégias de Markstein.

Neste caso, já há uma tradução consagrada: comunidade do povo. Como já foi comentado, apesar de ser mais precisa e literal do que coletividade, é pouco elucidativa em relação ao papel que de fato representa o termo original; no entanto, ao se tentar estabelecer um novo termo haveria o risco de mais confundir os leitores do que esclarecer. Ao considerar estes aspectos, poderia-se optar por uma nota explicativa ou pelo acréscimo de uma tradução comentada junto ao termo consagrado, buscando oferecer ao leitor uma compreensão mais profunda do termo.

Associações: identidade nacional, solidariedade nacional.

Sugestão de tradução comentada: Comunidade do povo, a solidariedade nacional.

Nota: O termo em português = o termo em alemão + definição + exemplo.

g) Volksgenossen

Página: 25

Linha: 6

Contexto:

Und keine Zeitung hat bisher berichtet von der freilich gefahrlosen Siegen, die in diesen Tagen die Beamten der Gestapo über wehrlose Ordensmänner und schutzlose deutsche Frauen errungen haben, und von den Eroberungen, die die Gauleitung in der Heimat am Eigentum deutscher Volksgenossen gemacht hat.

(Nenhum jornal relatou até agora sobre as vitórias certamente sem riscos que, nos últimos dias, os oficiais da Gestapo conquistaram sobre religiosos indefesos e mulheres alemãs vulneráveis ou sobre as conquistas que a sede do Partido obteve no próprio país nas propriedades de compatriotas.)

Opções: camaradas, camaradas do povo, compatriotas.

Escolha: compatriotas

Discussão: Este termo não se encontra no estudo de Klemperer; assim, buscamos a definição do termo em *Vokabular des Nationalsozialismus* (SCHMITZ- BERNING, 2000:661). Segundo este dicionário, Volkgenosse seria: b) o membro de uma comunidade solidária; c) o membro de uma “comunidade de sangue” [Blutsgemeinschaft] e “concidadãos de raça” [Rassegenosse]. Retomando a citação que define *Volksgemeinschaft*, podemos observar a relação de subordinação dos *Volkgenossen* como componentes da *Volksgemeinschaft*:

Gobbels: „Was ist nationalsozialistische Volksgemeinschaft? Nationalsozialistische Volksgemeinschaft ist die erzielte Verständigung der Volkgenossen untereinander, mithin der Ertrag sozialistischen Denkens.“ (SCHMITZ- BERNING, 2000:656)

Considerando estes dados, podemos pensar o termo *Volkgenossen* a partir de *Volksgemeinschaft*, como os indivíduos que compõe esta comunidade, ligados especificamente a ideologia nacional socialista e

que se encaixam na definição dada pelo regime nazista a cerca de concidadão de raça, se referindo a “raça ariana”.

Considerando estas informações para refletirmos sobre as possibilidades de tradução, passemos aos comentários específicos da tradução.

Neste caso, como existem traduções para esta palavra no português, as estratégias de Markstein se aplicam no que se refere a tentar minimizar a perda de conotação do original. Considerando isso, a tradução literal seria *camaradas do povo*; no entanto, no português brasileiro este termo se preencheria de uma carga ideológica ligada ao comunismo, o que não se aplica ao caso. A palavra compatriota se apresenta como uma opção, à medida que evoca o conceito de coletividade sem a mesma carga.

Talvez haja aqui certa dificuldade em transmitir a força do sentido de coletividade que os termos com a palavra *Volk* adquirem neste contexto histórico, além das questões ligadas ao aspecto racial que envolvem esta definição. Neste sentido se reafirma a necessidade de colocar o termo em alemão em nota com explicações a cerca de sua acepção exata no contexto, depois da já mencionada apresentação para o leitor, que assim, estaria em condições de, como o tradutor, realizar um exercício de alteridade na direção de buscar se aproximar e compreender melhor outros tempos e conceitos específicos, sem similar em seu tempo e/ou cultura.

## 5. Conclusão

Este trabalho buscou aplicar as estratégias de tradução para *Realiae* ou marcadores culturais, discutidas por Elisabeth Markstein em seu ensaio *Realia* (MARKSTEIN, 2006) no ensaio que inicia do livro *Die Weiße Rose* nas páginas 11 a 75. O estudo de Victor Klemperer, *LTI - A Linguagem do Terceiro Reich* (KLEMPERER, 2009), foi uma base para a contextualização do *corpus* utilizado e dos termos trabalhados. O objetivo era colocar em prática o referencial teórico, buscando preservar ao máximo as referências do texto original na tradução, o que é fundamental ao tratarmos de um texto que poder ser importante na área de História.

Considerando os estudos de caso, cabe ressaltar que de fato nem sempre é possível transmitir toda a força de determinado significado da língua de partida na língua de chegada, e, nesse sentido, o tipo da edição pode influir nas explicações que podem ser acrescentadas, externas ao texto, nas notas, glossário e eventuais apresentações, onde se pode tentar minimizar as perdas do que não

pode efetivamente ser reconstruído no texto, como no caso das conotações que a palavra *Volk* recebe durante o terceiro *Reich*.

O tipo de edição é um critério importante para as escolhas de estratégia de tradução de *Realiae*, e deve ser algo considerado desde o início de uma tradução, para que, ao se buscar uma fidelidade ao estilo e tom do original não se deixe de lado a consonância e coerência com a maneira como o texto será utilizado na língua de chegada, considerando assim, os possíveis receptores do texto.

O trabalho com *Realiae* ou marcadores culturais nos mostra as dificuldades que se apresentam ao tentarmos compreender as particularidades lingüístico-culturais estrangeiras; trata-se do embate das partes que não podem nem devem se encaixar ou espelhar ao confrontarmos duas culturas diferentes. Estes elementos são justamente o que constituem a identidade de um certo espaço ou época e, ao buscarmos estratégias para lidar com estes elementos, é fundamental refletir sobre o papel da tradução como mediadora entre culturas, buscando o contato mais direto possível entre realidades distintas.

Recapitulando os casos analisados, constatamos que de acordo com o contexto as estratégias podem variar, embora o critério do tipo de edição tenha sido utilizada para decisão do uso de notas em mais de um contexto.

Elencando as estratégias utilizadas temos, nos *Realiae* simples, *Vorortzug*, onde o contexto rico em informações permitiu uma generalização do termo sem perda considerável de informações e *Schwäbisch Hall*, termo que optamos por transplantar do alemão, em função de se tratar de um topônimo sem tradução oficial.

Nos *Realiae* Históricos, no caso de *Gaufilmstelle*, foi feita uma tradução comentada no sentido de explicitar ao máximo a função do órgão em questão, mesmo que o termo escolhido não fosse literal em relação ao termo original; *KZ*, sendo uma sigla, foi decomposta, mas não refeita como sigla em português, uma vez que a palavra por extenso já se apresentava como tradução consagrada para o conceito; *Völkischer Beobachter*, foi mantido, uma vez que nomes de jornais não são traduzidos, embora o contexto peça maiores detalhes para explicitar ao



leitor que se trata de um jornal; nesse sentido há a alternativa de uma nota, em função de uma tradução comentada, neste caso, tirar a naturalidade de uma fala; *Volksgerechtshof* recebeu uma tradução literal, comportando tradução comentada, embora fosse mais adequada uma nota neste caso, onde se explicasse em linhas gerais o funcionamento o sistema legislativo da época, o que poderia ser do interesse do leitor;

Em *Realiae* ideológicos, *Volk* foi discutido enquanto conceito recorrente, que mereceria ser comentado em uma eventual apresentação, e como elemento que caracteriza estruturalmente a linguagem da época, trazendo um efeito de repetição que exerce determinadas funções ideológicas e lingüísticas; *Volksgemeinschaft*, recebeu uma tradução mais literal, mas dependendo do contexto comportaria também uma tradução comentada, uma vez que o termo literal seria pouco elucidativo; *Volksgenossen* recebeu uma tradução menos literal mas que se preocupou em não ativar uma rede associativa que seria equivocada na língua de chegada em relação ao conceito da língua de partida.

Ao obter estes resultados da aplicação dos conceitos de Markstein, pôde-se depreender que os *Realiae* ou marcadores culturais são elementos que precisam de trabalho atento e individualizado, pois mesmo provenientes de um mesmo contexto lingüístico cultural, seu contexto semântico, assim como o tipo de publicação onde estará inserido interferem na melhor estratégia a ser utilizada em cada caso.

Neste sentido, o estudo de estratégias para o trabalho com este tipo de termo contribui na busca de traduções que possam ser mais ricas do “outro” que se busca conhecer, evitando generalizações, identificações e associações que excluam o caráter e essência original de determinado texto ou cultura.

Dessa forma, estudar as particularidades de um texto ou cultura não tem qualquer papel restritivo por sua especificidade; é justamente compreendendo os elementos de fato antes desconhecidos para nós que nos aprofundamos mais em um sistema lingüístico e cultural distinto do nosso e ampliamos nossos universos com novas possibilidades e referenciais.

## 6. Bibliografia

AZENHA Jr., João. Tradução Técnica e Condicionantes Culturais. Primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo. Humanitas- FFLCH- USP, 1999.

KLEMPERER, Victor. LTI. A linguagem do Terceiro Reich. Rio de Janeiro. Contra Ponto, 2009.

MOMMSEN, Hans. Der Widerstand gegen Hitler und die Deutsche Gesellschaft. In: *Alternative zu Hitler*. München: verlag C.H. Beck, 2000.

MARKSTEIN, Elisabeth. 81.Realia. In.: HÖNIG, Hans G.; SNELL-HORNBY, Mary; KUSSMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A. (Hrsg.). *Handbuch Translation*. Tübingen : Stauffenburg-Verlag, 2006.

SCHMITZ- BERNING, Cornelia. Vokabular des Nationalsozialismus. Walter de Gruyter. Berlin. New York, 2000.

SCHOLL, Inge. Die Weiße Rose. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuchverlag. 9. Auflage, 2001.

## Bibliografia de apoio

AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos Marcadores Culturais na Tradução. *Revista de Estudos Orientais* **5**. São Paulo: FFLCH/ USP, 2006, 23-36.

AZENHA Jr., João. Linguística textual e tradução: redefinindo o conceito de marca cultural. *TradTerm – Revista do Centro Interpartamental de Tradução e Terminologia* **12**. São Paulo: FFLCH/ USP, 2006, 13-32.

BENEDETTI, Ivone C. Da (In)Traduzibilidade: a propósito de Paul Ricoeur. *TradTerm – Revista do Centro Interpartamental de Tradução e Terminologia* **12**. São Paulo: FFLCH/ USP, 2006, 33-54.

KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 2004.p.12-23.

## 7. Anexos

## 9.1 Trechos traduzidos

Flora Bonatto n°USP 5167405

SCHOLL, Inge. *Die Weiße Rose*: Erweiterte Neuauflage. Frankfurt. Fischer Taschenbuch Verlag, 2001. p. 7.

Já se passaram cinquenta anos desde que os irmãos Scholl e seus companheiros, assim como outros em algumas partes da Alemanha e da Áustria, agiram em função de sua percepção aguçada e precoce - o que para muitos eram sinais ainda pouco perceptíveis até o ápice de uma violência- sobre o começo do medo e do terror em um ato que se tornou e permanecerá na História.

A palavra HISTÓRIA envolve o passado, e é perigoso que se acredite que o que aconteceu ficou para trás e não retornará. E isso é ainda mais perigoso na medida em que nos últimos cinquenta anos as condições em que vivíamos mudaram extremamente. Os modos de vida do bem estar, que para muitos de nós vem se tornando banais, não permitem que se reconheça a morte, a tortura e o terror – mesmo que estes aconteçam ao nosso redor- e nos ensinam a não acreditar no que sabemos.

A busca irrefletida por consumo e prazer, esfria o coração, conduz a uma maneira talvez ainda mais perigosa de tensão e agressão e deixa poucas possibilidades de se olhar o mundo a volta, que precisa ser observado atenta, contínua e consequente. Na perseguição pela satisfação por meio de bens materiais, o anonimato e a perda de identidade se disseminam. O desejo de realizar todos os desejos faz o que é precioso se

perder, e isso aparece nitidamente nos rostos. No meio das ruas iluminadas, entre as vitrines apinhadas, trocar o inadquirível pelo adquirível e na verdade caro, torna a vida vazia.

Pelo fato do cenário ter se tornado muito diferente do de cinquenta anos atrás, sendo banal (Inge Scholl fala claramente do perigo da banalização), com a ânsia de satisfação e diversão, a alegria desaparece dos corações, alegria que na verdade encerra em si uma morte plena. Uma morte plena e uma vida plena são negociáveis. Precisamos ficar atentos.

Viena, verão de 1992. Ilse Aichinger.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
ÁREA DE ALEMÃO  
PROJETO ROSA BRANCA

Flora Bonatto, Luana de Camargo e Raquel Alves

SCHOLL, Inge. *Die Weiße Rose*: Erweiterte Neuauflage. Frankfurt. Fischer Taschenbuch Verlag, 2001. p. 11 – 13.

Em um dia primaveril de fevereiro, após a batalha de Stalingrado, eu viajei de trem de Munique para Solln. Ao meu lado na cabine estavam sentados dois membros do partido nazista conversando sussurradamente sobre os recentes acontecimentos em Munique. “Liberdade” tinha sido escrita com letras grandes nos muros da Universidade, “Abaixo Hitler” nas ruas, panfletos pelo chão convocavam para a resistência, a cidade estava abalada como se houvesse levado um tiro. De fato, tudo permanecia como antes, a vida seguia como sempre, mas secretamente algo havia se modificado. Isso eu percebi pela conversa dos dois homens na cabine, sentados frente à frente com as suas cabeças próximas. Eles falavam sobre o fim da guerra e o que eles fariam se isso acontecesse de repente. “Não restaria mais nada, a não ser atirar em si mesmo”, disse um deles olhando rapidamente para mim, como que para saber se eu havia entendido alguma coisa.

Como respirariam aliviados aqueles dois homens, quando alguns dias depois, por toda a parte, cartazes vermelhos foram pregados às pressas para o apaziguamento da população; neles podia-se ler:

Por alta-traição foram condenados à morte:

Cristoph Probst, 24 anos

Hans Scholl, 25 anos

Sophia Scholl, 22 anos

O julgamento já foi realizado.

A imprensa escreveu sobre individualistas irresponsáveis que, por meio de seus atos, haviam se excluído automaticamente da *Volksgemeinschaft*. De boca em boca corria que muitas pessoas haviam sido detidas e que ainda se poderia esperar por mais sentenças de morte. O presidente do Tribunal Popular veio de avião de Berlim especialmente para julgar um processo rápido.

Mais tarde, em um segundo processo foram condenados à morte e executados:

Willi Graf

Professor Kurt Huber

Alexander Schmorell.

O que essas pessoas fizeram? No que consistiram os seus crimes?

Enquanto alguns os ridicularizaram e jogaram seus nomes na lama, outros falaram sobre heróis da liberdade.

Mas poderíamos chamá-los de heróis? Eles não realizaram nada sobrehumano. Eles defenderam algo simples, lutaram por algo simples, pela justiça e liberdade da individualidade dos homens, pelo seu desenvolvimento pessoal e por uma vida livre.

Eles não se sacrificaram por nenhuma ideia extraordinária, não perseguiram grandes objetivos; o que eles queriam era que pessoas, como eu e você, pudessem viver num mundo humano. E talvez o grande feito seja que eles, lutando por algo tão simples e arriscando suas vidas por isso, tivessem forças para defender, com uma última entrega, o mais simples dos direitos. Talvez seja mais difícil lutar por alguma coisa boa quando não há paixão em comum, grandes ideais, grandes objetivos, respaldo de organizações e dever, e sozinho e isolado, sacrificar a própria vida por esta coisa. Talvez o verdadeiro heroísmo consista em defender persistentemente o trivial, o pequeno, o óbvio, uma vez que já se falou demais sobre grandes coisas.

A cidadezinha sossegada de Kochertal, onde passamos nossa infância, parecia esquecida pelo grande resto do mundo. A única ligação com esse mundo era um coche amarelo que levava os moradores, num trajeto demorado e aos solavancos, até a estação de trem. No entanto, meu pai, prefeito de lá, via com grande preocupação as desvantagens desse isolamento e empenhou-se logo numa luta obstinada contra alguns representantes dos camponenses até que finalmente uma estrada de ferro fosse construída.

Mas para nós o mundo desta cidadezinha não parecia pequeno, mas sim vasto, grande e esplêndido. Logo percebemos que este mundo também ia além do horizonte, onde o sol nasce e se põe.

Mas um dia partimos de trem pela nossa tão estimada estrada de ferro com todos os nossos pertences para adiante da região serrana de Schwäbische Alb. Um grande salto foi dado, quando descemos em Ulm, a cidade à beira do Danúbio, que agora deveria ser o nosso lar. Ulm – soava como o tocar dos sinos grandes da formidável catedral. Primeiro tivemos saudades de casa. Mas logo as novidades atraíram a nossa atenção, principalmente a escola secundária, onde nós entramos, os cinco irmãos um após o outro.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
ÁREA DE ALEMÃO  
PROJETO ROSA BRANCA

Flora Bonatto

Wilian Trevisan Fazanaro

SCHOLL, Inge. Die weisse Rose. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuchverlag.  
9. Auflage, 2001. p. 24-26.

Im Frühjahr 1942 fanden wir wiederholt hektographierte Briefe ohne Absender in unserem Briefkasten. Sie enthielten Auszüge aus Predigten des Bischofs von Münster, Graf Galen, und sie verbreiten Mut und Aufrichtigkeit.

Na primavera de 1942 nós encontramos várias vezes cartas mimeografadas sem remetente em nossa caixa de correio. Elas continham trechos de sermões do bispo de Münster, Conde Galen, e disseminavam coragem e franqueza.

„Noch steht ganz Münster unter dem Eindruck der furchtbaren Verwüstungen, die der äußere Feind und Kriegsgegner in dieser Woche uns zugefügt hat. Da hat gestern zum Schlusse dieser Woche, am 12. Juli, die Geheime Staatspolizei die beiden

“Toda a cidade de Münster ainda está sob o efeito da terrível devastação que nosso inimigo externo e adversário na guerra nos infligiou essa semana. Ontem, no fim dessa semana, 12 de julho, a Gestapo confiscou as duas filiais da Companhia de Jesus em nossa



Niederlassungen der Gesellschaft Jesu in unserer Stadt beschlagnahmt, die Bewohner aus ihrem Eigentum vertrieben, die Patres und Brüder genötigt, unverzüglich, noch am gestrigen Tage, nicht nur ihre Häuser, sondern auch die Provinz Westfalen und die Rheinprovinz zu verlassen. Und das gleiche harte Los hat man ebenfalls gestern den Schwestern bereitet. Die Ordnungshäuser und Besitzungen samt Inventar wurden zugunsten der Gauleitung Westfalen-Nord enteignet.

So ist also der Klostersturm, der schon länger in der Ostmark, in Süddeutschland, in den neuerworbenen Gebieten, Warthegau, Luxemburg, Lothringen und anderen Reichsteilen wütete, auch hier in Westfalen ausgebrochen.

Wie soll das enden? Es handelt sich nicht etwa darum, für obdachlose Bewohner von Münster eine vorübergehende Unterkunft zu schaffen. Die Ordensleute waren bereit und entschlossen, ihre Wohnungen für solche Zwecke aufs äußerste einzuschränken, um gleich anderen Obdachlose aufzunehmen und zu verpflegen. Nein, darum handelte es sich nicht. Im Immakulatakloster in Wikinghege richtet sich, wie ich höre, die Gaufilmstelle ein. Man sagt mir, in der Benediktinerabtei St. Josef werde ein Entbindungsheim für uneheliche Mütter eingerichtet. Und keine Zeitung hat bisher

cidade, expulsou os moradores de suas propriedades, e obrigou os padres e irmãos a, imediatamente, ainda no dia de ontem, deixarem não só suas casas, mas também a província da Vestfália e da Renânia. As irmãs tiveram ontem também a mesma dura sorte. As casas e possessões da ordem, junto com todo o inventário, foram expropriadas em benefício do sede do Partido da região norte da Vestfália.

Foi assim que aconteceu o saque do convento aqui na Vestfália; há muito eles estão sendo devastados na Áustria, Sul da Alemanha, e nas recém anexadas regiões da Polônia, Luxemburgo, Lorena e outras regiões do Reich. Aonde isso vai parar? Não se trata de arranjar alojamentos temporários para os moradores desabrigados de Münster. Os membros da ordem estavam dispostos e decididos a limitar extremamente suas moradias para tal finalidade, a fim de poder hospedar e alimentar desabrigados, tal como outros o faziam. Não, não era isso que estava em questão. No convento da Imaculada em Wikinghege se instala, como eu ouvi, o Departamento de Cinema e Propaganda do Partido. Disseram-me que no mosteiro Beneditino de São José seria instituída uma maternidade para mães solteiras. Nenhum jornal relatou até agora sobre as vitórias certamente sem riscos que, nos últimos dias, os oficiais da Gestapo conquistaram sobre religiosos indefesos e mulheres alemãs

berichtet von der freilich gefahrlosen Siegen, die in diesen Tagen die Beamten der Gestapo über wehrlose Ordensmänner und schutzlose deutsche Frauen errungen haben, und von den Eroberungen, die die Gauleitung in der Heimat am Eigentum deutscher Volksgenossen gemacht hat. Vergebens sind alle mündlichen und telegrafischen Proteste!

Gegen den Feind im Innern, der uns peinigt und schlägt, können wir nicht mit Waffen kämpfen. Da bleibt nur ein Kampfmittel: starkes, zähes, hartes Durchhalten! Hart werden! Fest bleiben! Wir sehen und erfahren jetzt deutlich, was hinter den neuen Lehren steht, die man uns seit einigen Jahren aufdrängt, denen zuliebe man die Religion aus der Schule verbannt, unsere Vereine unterdrückt hat, jetzt die Kindergärten zerstören will: abgrundtiefer Haß gegen das Christentum, das man ausrotten möchte.

Wir sind in diesem Augenblick nicht Hammer, sondern Amboß. Andere, meist Fremde und Abtrünnige, hämmern auf uns, wollen mit Gewaltanwendung unser Volk, und selbst unsere Jugend neu formen, aus der geraden Haltung zu Gott verbiegen. Was jetzt geschmiedet wird, das sind die ungerecht Eingekerkerten, die schuldlos Ausgewiesenen und Verbannten. Gott wird ihnen beistehen, daß sie Form und Haltung

vulneráveis ou sobre as conquistas que a sede do Partido obteve no próprio país nas propriedades de compatriotas. Todos os protestos verbais e telegráficos foram em vão!

Não podemos lutar com armas contra o inimigo interno que nos atormenta e agride. Agora só há um meio de luta: suportar com força, de forma rigorosa e obstinada. Não fraquejem! Aguentem firme! Nós vemos e sabemos agora claramente o que está por trás desta nova doutrina, que nos é imposta há alguns anos, que substituiu o ensino religioso nas escolas, que reprimiu nossos clubes, e agora quer destruir os jardins de infância: um ódio abissal contra o cristianismo, o qual quer exterminar.

Nós não somos neste momento o martelo, mas a bigorna. Outros, a maioria estranhos e infiéis, nos martelam; querem dar nova forma ao nosso povo e até mesmo aos nossos jovens através da violência e desviá-los da postura correta para Deus. O que está sendo forjado agora são encarceramentos e expulsões injustas de pessoas inocentes. Deus estará com eles para que não percam a forma e postura da força cristã quando o martelo da perseguição os encontrar amargamente e os ferir de maneira injusta.”

“Há alguns meses ouvimos notícias de que, em hospitais e sanatórios para doentes mentais, por ordem de Berlim, pacientes que

christlicher Festigkeit nicht verlieren, wenn der Hammer der Verfolgung sie bitter trifft und ihnen ungerechte Wunden schlägt.“

„Seit einigen Monaten hören wir Berichte, daß aus Heil- und Pflegeanstalten für Geisteskranke auf Anordnung von Berlin Pfleglinge, die schon länger krank sind und vielleicht unheilbar erscheinen, zwangsweise abgeführt werden. Regelmäßig erhalten dann die Angehörigen nach kurzer Zeit die Mitteilung, der Kranke sei verstorben, die Leiche sei verbrannt, die Asche könne abgeholt werden. Allgemein herrscht der an Sicherheit grenzende Verdacht, daß diese zahlreichen, unerwarteten Todesfälle von Geisteskranken nicht von selbst eintreten, sondern absichtlich herbeigeführt werden, daß man dabei jener Lehre folgt, die behauptet, man dürfe sogenanntes ‚lebensunwertes Leben‘ vernichten, also unschuldige Menschen töten, wenn man meint, es sei für Volk und Staat nichts mehr wert. Eine furchtbare Lehre, die die Ermordung Unschuldiger rechtfertigen will, die die gewaltsame Tötung der nicht mehr arbeitsfähigen Invaliden, Krüppel, unheilbar Kranken, Altersschwachen grundsätzlich freigibt!“

Hans ist tief erregt, nachdem er diese Blätter gelesen hat. „Endlich hat einer den Mut, zu sprechen.“ Eine Zeitlang betrachtet er

estivessem doentes há muito ou parecessem incuráveis fossem levados à força. Via de regra, os parentes recebem um comunicado pouco tempo depois, informando que o doente havia falecido, o corpo cremado e que eles poderiam retirar as cinzas. No geral reina a suspeita, que é quase uma certeza, de que esses numerosos e inesperados casos de mortes de pessoas com problemas mentais não ocorrem de forma natural, mas são induzidos deliberadamente, e que com isso se segue a doutrina que defende o direito de aniquilar as chamadas “vidas indignas”, ou seja, matar pessoas inocentes, quando se julga que não tenham mais valor para o povo e para o Estado. Uma doutrina terrível que quer justificar o assassinato de inocentes, e autoriza por princípio a morte violenta dos inválidos, deficientes, doentes crônicos e idosos em idade avançada, incapazes de trabalhar.

Hans ficou profundamente agitado depois de ler aquelas páginas. “Finalmente alguém teve a coragem para falar.” Por um tempo ele contemplou pensativamente os papéis impressos e disse finalmente: “Deveríamos ter um mimeógrafo.”

nachdenklich die Drucksachen und sagt schließlich: „Man sollte einen Vervielfältigungsapparat haben.“